Encantamento, nostalgia e emoção sonora: a construção da narrativa da história de Marcelo D2 no podcast a *Playlist da Minha Vida*

Enchantment, nostalgia, and sonic emotion: constructing the narrative of Marcelo D2's life story on the podcast "A Playlist da Minha Vida"

Encanto, nostalgia y emoción sonora: la construcción de la narrativa de la historia de Marcelo D2 en el podcast "A Playlist da Minha Vida"

Daniel Nascimento; Humberto Trajano.

Resumo

Este artigo analisa o episódio do podcast A *Playlist da Minha Vida* apresentado por Fernanda Torres, com a participação de Marcelo D2. Observa quais narrativas utilizadas potencializam os sentimentos relacionados à memória, aos levantes, à ancestralidade e às temporalidades que marcam a carreira e a vida do músico. Destacam-se como aporte teórico Kehl (2009), Simas e Rufino (2020), Didi-Hurberman (2019), Kischinhevsky (2016), Viana e Chagas (2021) e Viana (2022). Utiliza-se a metodologia de análise descritiva (Triviños, 1987) e análise de conteúdo (Bardin, 1977). Conclui-se que o podcast se consolida como um espaço de elevação sensorial de autobiografia despertando a nostalgia do entrevistado por meio de mediação musical e recursos de imersão sonora, gera emoções e ativa sentimentos como o encantamento nos ouvintes.

Palavras-chave: Podcast; Encantamento, Nostalgia; Fernanda Torres; Marcelo D2.

>> Informações adicionais: artigo submetido em: 10/04/2026 aceito em: 15/09/2026.

>> Como citar este texto:
NASCIMENTO, Daniel; TRAJANO, Humberto. Encantamento, nostalgia e emoção sonora: a construção da narrativa da história de Marcelo D2 no podcast a *Playlist da Minha Vida*. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 17, n. 01, p. 98-119, jan./abr. 2026.

Sobre os autores

Daniel Nascimento
daniel.ns@aluno.ufop.edu.br
https://orcid.org/0000-0002-2003-1563

Doutorando e Mestre no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Comunicação (PPGCOM UFOP) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bolsista de Desenvolvimento em Ciência, Tecnologia e Inovação (BDCTI Fapemig). Pesquisador do Laboratório de Humanidades Digitais da UFOP (LabHD UFOP). Membro do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (UFOP).

Humberto Trajano
humberto.trajano@aluno.ufop.edu.br
https://orcid.org/0009-0006-0610-3096

Mestre em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, com bolsas UFOP\CAPES. Especialista em Processos Criativos em Palavra e Imagem pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Membro do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (UFOP). Jornalista e gestor de Comunicação.

Abstract
This article analyzes an episode of the podcast "A Playlist da Minha Vida" ("The Playlist of My Life"), hosted by Fernanda Torres and featuring musician Marcelo D2. The objective is to examine the narratives employed that amplify feelings related to memory, uprisings, ancestry, and the temporalities that have shaped Marcelo D2's life and career, as presented in the program. The theoretical framework draws upon the work of Kehl (2009), Simas and Rufino (2020), and Didi-Huberman (2019), as well as Kischinhevsky (2016), Viana and Chagas (2021), and Viana (2022). The research employs a methodology consisting of descriptive analysis (Triviños, 1987) and content analysis (Bardin, 1977). It is concluded that the podcast serves as a space for the sensory elevation of autobiography, evoking nostalgia in the interviewee through musical mediation and immersive sound techniques, while simultaneously generating emotions and eliciting feelings—such as enchantment—in the listeners.

Keywords: Podcast; Enchantment; Nostalgia; Fernanda Torres; Marcelo D2.

Resumen
Este artículo analiza un episodio del pódcast "A Playlist da Minha Vida" («La lista de reproducción de mi vida»), presentado por Fernanda Torres y que cuenta con la participación del músico Marcelo D2. El objetivo es examinar las narrativas empleadas que amplifican sentimientos relacionados con la memoria, los levantamientos, la ancestralidad y las temporalidades que han configurado la vida y la trayectoria de Marcelo D2, tal como se presentan en el programa. El marco teórico se fundamenta en los trabajos de Kehl (2009), Simas y Rufino (2020) y Didi-Huberman (2019), así como en los de Kischinhevsky (2016), Viana y Chagas (2021) y Viana (2022). La investigación emplea una metodología que combina el análisis descriptivo (Triviños, 1987) y el análisis de contenido (Bardin, 1977). Se concluye que el pódcast funciona como un espacio para la exaltación sensorial de la autobiografía, evocando nostalgia en el entrevistado mediante la mediación musical y técnicas sonoras inmersivas, al tiempo que genera emociones y despierta sentimientos —como el encantamiento— en los oyentes.

Palabras clave: Podcast; Encanto, Nostalgia; Fernanda Torres; Marcelo D2.

Introdução

A arte provoca encantamento, enfeitiça, cria novos sentidos de mundo nas pessoas. Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2020) aproximam o encantamento a um ato de desobediência, transgressão e reconexão. Evocando outros modos de existir, de praticar o saber, de entrar em transe. Para os autores, o encantamento ainda integra o visível com o invisível, conectando diferentes espaços de tempo. Ou seja, é uma junção de materialidade, de espiritualidade e de ancestralidade. Mas também trabalha a vida cotidiana, trata de política, educação e poesia, confronta as regras.

Produtos midiáticos como filmes e livros, que abordam bibliografias, contando histórias sobre a carreira e a vida pessoal de músicos, atores e atrizes, ativistas, celebridades, entre outros, geralmente conquistam o público e reverberam bastante junto a audiência. Esta prática vem sendo também desenvolvida em podcasts, com as pessoas narrando suas próprias histórias e vivências ou sendo personagens em roteiros com esse objetivo. No Brasil, já observamos podcasts trabalhando esse tipo de abordagem. Um exemplo é o programa A Playlist da Minha Vida (A Playlist [...], 2023a). Nele, a atriz Fernanda Torres entrevista um convidado e desenvolve, ao longo de cada episódio, a biografia da pessoa com uma narrativa permeada por uma lista de músicas, pré-enviadas por cada participante. As canções selecionadas marcaram tempos, fases e momentos da vida dos participantes.

Lançada em fevereiro de 2023, a primeira e única temporada de A Playlist da Minha Vida no Brasil teve um total de 15 episódios, sendo o último publicado em 12 de maio. Todos foram disponibilizados exclusivamente na plataforma *Deezer*. Entre os convidados estão músicos, atores, pesquisadores, médicos, escritores, figuras públicas consideradas relevantes no país, como Djamila Ribeiro, Dráuzio Varela, Gilberto Gil, Lulu Santos, Marisa Monte, Nelson Mota e Pabllo Vittar. O programa é inspirado em um podcast francês, segundo a Folha de S.Paulo (Alonso, 2023).

O programa de estreia, publicado em 2 de fevereiro de 2023, é com o músico Marcelo D2 (Marcelo D2, 2023), nome artístico de Marcelo Maldonado Peixoto, renomado rapper, cantor e compositor brasileiro. Tem 56 minutos e 11 segundos de duração. A construção do conteúdo se desenrola com uma experiência sonora que mescla a entrevista aos trechos das músicas que marcaram a vida do convidado. Essa proposta sonora\narrativa juntamente com a edição contribui no impacto emocional. Fernanda Torres conduz as conversas de maneira espontânea e informal, como em um bate-papo, em tom dialogal. Em reportagem no portal Castnews (A Playlist [...], 2023b) a diretora do podcast Laura Capanema, afirma que as entrevistas foram gravadas por meio de um aplicativo somente de áudio e de forma remota. Ou seja, como em uma conversa pelos telefones fixos de antigamente.

Dentro da classificação estrutural para podcasts sugerida por Luana Viana e Luãn Chagas (2024), o programa se enquadra como entrevista. É caracterizado pela presença de um entrevistador e um entrevistado convidado, em um momento de exposição de ideias, pontos de vista e pensamentos. É um dos tipos preferidos dos brasileiros.

Ao consumirmos um podcast podemos ativar nossas percepções sensoriais, nos conectar com forças e sentidos além da vida prática. A mistura das músicas com o relato dos convidados para apresentar as histórias individuais de figuras relevantes no cenário nacional pode impulsionar o encantamento. Esse sentimento desvirtua a lógica, mostra que a vida não tem um formato único, estimula percepções sobrenaturais. O encantamento transporta as pessoas para além do senso produtivista e utilitário em que a sociedade tenta se encaixar, e muitas vezes trava e bloqueia os sentimentos e os pensamentos (Simas; Rufino, 2020). Nostalgias também podem ser evocadas, ativando a memória das pessoas e lembranças do passado. Esse sentimento é descrito por André Antônio Barbosa (2014).

Marcelo D2 é um artista com uma trajetória transgressora, para além do encantamento, outro sentimento bastante presente em sua vida é o do levante,

apresentado por Georges Didi-Huberman (2019), impulsionado pelas suas bandeiras de lutas sociais, em especial pela legalização da maconha. Em seu trabalho, também busca constante diálogo com a ancestralidade.

O podcast possui recursos adicionais ao som, chamados elementos parassonoros, que são conteúdos complementares ao áudio possibilitados pelas características multimídia da internet, segundo Marcelo Kischinhevsky e Cláudia Modesto (2014). Entre as possibilidades da plataforma *Deezer*, são utilizadas por A Playlist da Minha Vida (A Playlist [...], 2023a) as capas personalizadas com fotos dos convidados, texto de descrição para cada um dos volumes, todos estão organizados em um canal próprio da série, que durante a escuta pode ser ativado o recurso de legendas automáticas e ouvidos de maneira seriada. O ouvinte ainda tem a possibilidade de curtir e compartilhar os programas.

Neste artigo, por meio de análise descritiva, proposta por Augusto Triviños (1997), e de conteúdo, baseada em Laurence Bardin (1977), objetivamos identificar quais recursos sonoros e narrativos são utilizados para tratar e potencializar os sentimentos de encantamento, de nostalgia e de levante no episódio com o músico Marcelo D2, do podcast *A Playlist da Minha Vida*. Pretendemos mostrar ainda, por meio de fragmentos do diálogo, questões relativas à memória, à ancestralidade e às temporalidades que marcam a carreira e a vida do artista e que estão presentes no programa.

Arte, música e sentimentos

O encantamento traz o "princípio da integração entre todas as formas que habitam a biosfera, a integração entre o visível e o invisível (materialidade e espiritualidade) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempos (ancestralidade)" (Simas; Rufino, 2020, p.9). A ancestralidade conduz um pensamento ético em nós humanos, moldando nosso caráter ao longo da vida, um caráter provisório, inacabado e dialógico. Viver transcende o oferecido pelos homens brancos. Precisamos recuperar nossa ancestralidade, espiritualidade e conexões biológicas (Simas; Rufino, 2020).

Simas e Rufino (2020) tentam extravasar os sentidos da existência, lembrando e evocando culturas xamânicas, naturais, ou de naturezas, com as florestas, os espíritos e as árvores. Os autores colocam o encantamento no patamar do transe, muito além de uma sociedade ocidental organizada e civilizada, essa tratada pela sociedade como a vida certa. Sem romantismo, eles lembram que os encantamentos também foram desenvolvidos em um ecossistema onde, ao mesmo tempo, existe um cenário de devastação, violência e morte. Podendo a morte ser considerada uma passagem para outras dimensões de existência, não o fim, mas uma continuidade. Entra então a questão da ancestralidade, da continuidade, do nosso caráter provisório, mas, ao mesmo tempo, com linhas que seguem e continuam vibrando e gerando conexões invisíveis (Simas; Rufino, 2020). Em contraponto, o desencanto está relacionado à perda de vitalidade, ao colonialismo, a quem quer encapsular os pluralismos, reconexões e sabedorias humanas, à privação de liberdade. O modo de vida instalado é doente e tem um amplo repertório de desencanto. O encantamento se utiliza das questões que desencantam para traçar um diálogo, ambos coexistem (Simas; Rufino, 2020).

Ao construirmos nossas próprias histórias, muitas vezes nos recordamos de passagens que ficam gravadas na nossa memória, no nosso inconsciente. Em *O Tempo e o Cão*, Rita Kehl (2009) destaca que a memória – lembrança ou rememoração – está relacionada aos acontecimentos que se desenrolam no tempo e regem o imaginário. Estes acontecimentos geram impressão de continuidade e constroem os infinitos instantes que compõem uma vida. A memória mantém nosso sentimento imaginário de identidade ao longo da vida e garante nossa história com o passar do tempo, até a morte. A pesquisadora afirma que o passado conserva o tempo em sua versão imaginária (Kehl, 2009). A construção do inconsciente é atemporal, os fragmentos da vida presentes na memória não são concretados em gavetas de uma linha do tempo. Quando a gente vive o agora, se a experiência for marcante, de forma positiva ou negativa, ela de alguma forma fica gravada no inconsciente.

Sentimentos como a nostalgia e a melancolia, então, fazem parte da memória das pessoas e permeiam o inconsciente. Para Barbosa (2014), a nostalgia evoca o passado como um sonho. O autor defende a nostalgia como uma recusa do presente. Para ele, a evocação ao passado tem um caráter sedutor, mais misterioso e profundo e atrativo. Outra questão colocada por Barbosa (2014) é que a nostalgia possui alianças "estreitas e profundas" com a melancolia e "vem sendo um elemento importante de toda uma tradição de artistas ao longo da modernidade estética" (Barbosa, 2014; p.8).

Kehl (2009) destaca a dificuldade e a falta de lugar para melancólicos e sonhadores na vida prática e concreta das tarefas do dia a dia, como o trânsito engarrafado e os acessos aos controles e aos telefones. Mas, em um trânsito engarrafado, sentimentos podem ser evocados a partir, por exemplo, da escuta de uma música ou de um podcast. A narrativa em áudio ativa a memória e emoções diversas no ouvinte, como alegrias, tristezas, nostalgias, melancolias e todo o encantamento da arte.

Georges Didi-Hurberman (2019) afirma que a potência das obras de arte e dos textos, reside na capacidade de gerar e impulsionar o levante social. "É exatamente isso que os poemas, os romances, os livros de história ou de filosofia, as obras de arte sabem registrar, amplificando as coisas, dramatizando sob a forma de ficções, utopias, visões, imagens de todos os gêneros" (Didi-Hurberman, 2019, p.116). Sendo assim, o encantamento tem potencial para gerar levantes, protestos, contrapor as imposições sociais e se multiplicar entre grupos e organizações, proporcionando mudanças e definindo rumos da história. Assim como as obras de arte, os podcasts podem ser um instrumento midiático potentes para passar mensagens, transmitir narrativas, desvirtuar pensamentos, memórias, ancestralidade. Encantar ou desencantar as pessoas.

Podcasts e narrativas sonoras

Para João Miranda e Silvio Santos (2021), o podcast, como uma mídia sonora potente dos meios digitais, proporcionou uma redescoberta da palavra nos

tempos atuais. Sendo assim, é mais um instrumento de propagação e difusão de ideias e de narrativas e pode contribuir para transmitir às pessoas mensagens que podem ter diversas finalidades, inclusive novas perspectivas de percepção da sociedade e da própria vida. O podcast, mesmo com características próprias, se aproxima do rádio, que "tem historicamente a sensorialidade como característica que visa envolver o ouvinte em suas narrativas" (Viana, 2021, p. 5). Ao mesmo tempo, os produtos de mídias sonoras ajudam a organizar memórias e levar histórias de vida para o conhecimento do público.

A possibilidade de arquivar e transmitir áudios na internet foi o ponto de partida para o surgimento daquilo que é chamado desde 2004 de podcast, quando o jornalista britânico Ben Hammersley publicou em fevereiro deste mesmo ano pela primeira vez em um artigo tal denominação. De forma inicial, os áudios na internet eram arquivados em linhas de transmissão com a tecnologia chamada *Really Simple Syndication*, ou RSS. até a tecnologia avançar para as plataformas que utilizamos atualmente, como é o caso da *Deezer*, em que a Playlist da Minha Vida – o podcast observado neste estudo – foi hospedado. Sendo mais uma maneira de contribuir para disseminar conteúdos e preservar memórias de determinadas temáticas no ambiente digital.

A nova mídia surgida no início dos anos 2000 em virtude do desenvolvimento da popularização da internet na década de 1990 tem características do rádio, como essência, mas é uma mídia própria do ambiente digital, das redes, conforme Marcelo Kischinhevsky (2016).

Segundo Viana (2022):

> O principal questionamento era se esta modalidade poderia ou não ser considerada radiofônica. Com a ausência de um conceito chave para embasar a definição de podcast, os pesquisadores ou baseiam-se nos primeiros autores a tratarem do tema, ou criam sua própria delimitação do termo, sempre enfatizando as características desse fenômeno. No impasse de não haver uma definição única, as discussões permearam por outros caminhos (Viana, 2022, p. 98).

Além do podcast ser utilizado como espaço digital de entretenimento, de informação, também é usado como um espaço de escuta e acolhimento por

diferentes sujeitos sejam eles anônimos ou não. Rafael Ferreira Medeiros, Fernanda Perez Mendonça e Nair Prata (2022) comentam que o podcasting tem uma grande contribuição para dar visibilidade a grupos subalternos na mídia. A limitação existente na grade da programação dos meios de comunicação hegemônica, coloca o podcast em um universo de experimentações de formatos com grande diversidade de assuntos.

De acordo com a característica descritiva da proposta de classificação de Beltrán Moner (1991), a música pode nos situar para uma outra época, lugar, região, que pode ser desprovida de um sentimento cênico. Ricardo Haye (2005), por sua vez, acredita que a música, por meio de associação de informações e imagens, torna possível recriar ou possibilitar uma transição, permitindo que o ouvinte assimile conteúdos e reflita sobre eles.

O silêncio também é um elemento comum em podcasts narrativos. A pesquisadora Luana Viana (2022), diz que quando o silêncio é usado de maneira assertiva no roteiro, ele tem um grande potencial de contribuição para a narrativa. “O silêncio pode ajudar a descrever uma cena, acelerando ou diminuindo o ritmo de uma sequência, e expressar mais do que se ouve” (Viana, 2022, p. 89). A edição faz uso de silêncios e *fade outs* para marcar passagens e fases do programa.

Já quando se trata de música no discurso sonoro Haye (2005) diz que uma das finalidades dela em uma produção radiofônica é estimular memórias e fatos já acontecidos, criar um clima, identificar um lugar ou um tempo ou uma pessoa ou um grupo, acentuar um diálogo, criar um contraponto à palavra. Moner (1991), em sua proposta de classificação de música, afirma que existe a música subjetiva, em que são expressadas situações cênicas, de animação e é criado um ambiente emocional.

O podcast permite uma experiência sensorial individualizada do ouvinte quando é utilizado o fone de ouvido para consumir conteúdos em áudio arquivados na internet. O som ecoado pelos aparelhos proporciona uma acústica imersiva. Essa experiência cria uma sensação de intimidade e afeto, na qual o ouvinte se torna uma testemunha empática sobre o relato contado em

determinado episódio. “O processo imersivo ocorre tanto pelas sensações acionadas pelo consumo do conteúdo quanto pela disposição psicológica do público. Isso permite que sejamos transportados inteiramente para a história apresentada” (Viana, 2021, p. 4).

A playlist da vida de Marcelo D2

O podcast *A playlist da Minha Vida* se desenvolve a partir de uma lista de 12 músicas selecionadas pelos convidados e enviadas previamente para a produção do programa. Estas canções possuem relação direta com o percurso da vida de cada participante e a seleção não segue um critério específico de cronologias ou épocas pré-fixadas, eles têm liberdade para a escolha. No caso de Marcelo D2, entre as músicas escolhidas estão canções de João Nogueira, James Brown, Jorge Bem Jor, Ratos de Porão, Kendrick Lamar, Jesus e Mary Chain, Tincoãs, Beastie Boys. O episódio se desenvolve com a entrevista permeada de histórias e memórias, utilizando recursos de pesquisa, design de som e arquivos, originando um conteúdo como descreve a própria *Deezer* (A Playlist [...], 2023a) do “podcast mais musical – e memorial – da vez!”

Sobre o convidado em análise, a abertura traz um texto introdutório com apelo emocional. A narração é de Fernanda Torres:

> Você vai escutar agora uma vida que daria um filme. Cria do Andaraí, pra ele, a Lapa era Paris. Ele é um dos nomes mais importantes do hip-hop brasileiro. Ele tem a malandragem de quem se criou na rua e a sensibilidade, juro, de um santo. Puxou carro, perdeu amigos, foi camelô e estreou para sete pessoas em uma plateia. Eu vou apertar agora, mas só vou acender depois. Chama aí o Marcelo D2 (Marcelo D2, 2023, 0’42 - 1’18).

Identifica-se tanto no conteúdo, como na forma de construção do podcast, um material consistente para a análise em questão sobre sentimentos de nostalgia e encantamento misturadas às temporalidades da vida evocadas na conversa entre D2 e Fernanda Torres. No início da conversa, uma passagem que chama a atenção é quando Fernanda dá as boas-vindas ao convidado, agradecendo pela participação na “análise musical” e Marcelo afirma que aquela

participação é “tipo um consultório”. O diálogo mostra que é um programa que vai mexer com o psicológico dos participantes e da audiência.

Neste estudo, propomos selecionar trechos do programa em busca de relacionar estes trechos com o conceito de nostalgia (Barbosa, 2014), e destacar passagens onde a memória (Kehl, 2029) remete ao encantamento (Simas; Rufino, 2020), à ancestralidade (Simas; Rufino, 2020) e ao levante (Didi-Hurberman, 2019), traços esses presentes ao longo da bibliografia contada por Marcelo D2. Além da escuta, realizamos a decupagem do áudio (voz) para texto por meio do site Good Tape, e, a partir do texto, selecionamos partes do conteúdo onde foi possível identificar estes conceitos mencionados acima. Destacamos nestes trechos momentos ligados à temporalidade da vida do artista e de sua família, às histórias da carreira musical e de suas relações com a cultura de rua e a arte, que remetem às origens ancestrais e à construção de sua carreira.

A análise de conteúdo é utilizada para compreender e interpretar o discurso de Marcelo D2. Na fase exploratória do material, os trechos selecionados foram divididos em quatro grupos de conteúdo: 1) a infância, família, o samba e a *black music*, 2) vida marginal, primeira experiência com maconha, 3) começo de uma história com a arte, Planet Hemp e a perda do amigo Skunk, 4) morte da mãe e vida em família.

Para integrar a dimensão narrativa e dimensional do áudio, a análise orienta-se por duas frentes complementares: os conteúdos e os operadores de análise sonora do episódio. Com base em Haye (2005) Moner (1991) e Viana (2022), definem-se como operadores de análise a) trilha de fundo, e música subjetiva, utilizada para evocar a mensagem emocional ou transportar para a temporalidade evocada, b) silêncio expressivo, para para observar a carga dramática e expressiva dos relatos, c) cortes de edição, empregado para marcar a transição entre as falas e inserções de canções citadas pelo artista.

Primeira parte - a infância, família, o samba e a black music

Pela ótica do operador de análise a) trilha de fundo, e música subjetiva que é destaque nesse trecho, o podcast começa com referências à família especialmente ao pai de D2, seguindo para a vida com a mãe no Andaraí, enquanto criança e no início da adolescência. Marcelo (2023) destaca: "Sempre vêm as músicas que os pais ouviam. Se eu não botasse as músicas que marcaram a minha infância, era quase que uma traição familiar. Eu vou te falar que eu descobri muito fazendo essa *playlist* o quanto que meus pais foram influentes". Neste segmento observamos a evocação ao ancestral familiar. O artista explicita a influência de seus pais na construção de seu gosto musical pelo samba, que vai permear sua carreira. O sentido amplo da vida e as vibrações conectam o ser às criações e às forças invisíveis e acompanham o existir de cada um (Simas; Rufino, 2020, p.9).

Outro sentimento presente ao se referir à família é a nostalgia, misturada à ancestralidade. Uma nostalgia, revelada pelo convidado no sentido de materializar seu "paraíso perdido". Uma vida que ficou para trás e nunca voltará. Marcelo D2 é nostálgico. Barbosa (2014), entre as definições de nostalgia, afirma que o sentimento é uma recusa radical do presente, uma fuga desesperada, diz ainda que a preciosidade do passado está ligada à manutenção da história, um passado puro. O artista deixa transparecer que as vivências o emocionam de forma significativa.

Na narrativa, a nostalgia é utilizada para o convidado evocar uma música, que, consequentemente, por meio da lembrança de passagens da vida, faz com que o ouvinte e o entrevistado também "viajem" para outra realidade temporal. Para um lugar que transmite sentimentos e afetos que determinada canção pode trazer. Lembrar das vivências do passado, ativando fragmentos de memórias que estão no inconsciente, aciona ainda sentimentos nostálgicos e constrói a vida de cada indivíduo (Kehl, 2009; Barbosa, 2014). A primeira música que Marcelo D2 coloca na *playlist*, é *Além do espelho* de João Nogueira:

> Meu pai era muito fã de João Nogueira. Assim, minha família tem uma tendência a ser um fã compulsivo, sabe? Outra coisa que eu descobri aqui na nossa análise. O meu pai amava muito o João. O João era como se fosse um amigo da família, sabe? Eu, quando conheci o João Nogueira, que eu fiz uma homenagem a ele, eu toquei uma música que se chama Encontro com o Nogueira. E aí, quando eu conheci ele, eu falei isso pra ele, que eu era o filho bastardo dele, que ele não sabia, mas eu era o filho bastardo dele. Eu escolhi essa música, Além do Espelho, porque ela tem essas frases bem... Ela é esse papo do pai, que o maior medo é o espelho se quebrar e não refletir mais o pensamento, não ir à frente (Marcelo D2, 2023, 2'31 - 3'10, 2023).

Marcelo relembra as rodas de samba em sua casa. Relembra que seu avô era poeta, mas só escrevia poemas para as netas e que gostaria de ter o seu. "Isso é um trauma que eu carrego na minha vida" (Marcelo D2, 2023). O convidado conta da vida com a mãe e a irmã no Andaraí. Diz que frequentava rodas de samba com os pais e que aos sete anos foi levado pelos parentes a um show de James Brown.

> E eu só lembrei desse show, meu pai me lembrou, quando eu comecei a fazer música. Eu tava mais profundo já no James Brown, ouvindo a banda instrumental, e meu pai falou, tu sabe, tu já foi nesse show. Eu falei, não lembro. Aí ele começou a me lembrar. Eu falei, cara, comecei a lembrar das imagens. Eu lembro que eles todos estavam com Black Power. Meu pai, meu tio, irmão da minha mãe, e os amigos deles. Eu era bem molequinho, estava bem baixinho, olhava para cima e via aqueles cabelos, no meio da ditadura, assim. (Marcelo D2, 2023, 9'41 - 10'18).

Nesse trecho do podcast quando ele começa a falar da experiência no show do James Brown o operador de análise e a) trilha de fundo e música subjetiva e c) cortes de edição, a entrevista é pausada e começa a tocar no fundo a música *The Playback*, de James Brown, levando o ouvinte para uma experiência imersiva de viagem a um acontecimento da vida do artista, que evoca um sentimento nostálgico de volta ao passado. O que demonstra uma característica comum em programas de relato da narrativa particular. A narrativa radiofônica contribui para a imaginação da audiência e cria espaço para contar histórias, o que obviamente se aproxima do público (Viana, 2022). Observa-se nesse momento um *flashback*, o qual esse recurso é muito comum em narrativas de *storytelling* e frequentemente usado no podcast estudado, quando o entrevistado cita uma das músicas da *playlist*.

Segunda Parte - Vida Marginal, Primeira Experiência Com Maconha

Neste momento a) trilha de fundo e música subjetiva e b) silêncio expressivo também é destaque. É apresentado a vida de Marcelo D2 relatada no podcast, antes da fama e até mesmo após o estrelato, possui aspectos de encantamento - é um artista com obra e histórias admiradas por muitas pessoas - e de levante (indignação social) referentes aos caminhos percorridos dentro de uma cultura da marginalidade, tanto no sentido de viver à margem, quanto no sentido da delinquência. Estes relatos estão presentes em diversas passagens do programa.

Ao ser perguntado sobre sua fase delinquente, D2 diz a Fernanda: "Minha fase delinquente, eu acho que é desde que eu nasci, tá? Já nasci meio delinquente" (Marcelo D2, 14'02 - 14'12, 2023). Com sua turma do Andaraí, incluindo Carlos Peixe, o melhor amigo da época, Marcelo conta que frequentava bailes funk, ainda menor de idade, cometia pequenos delitos, e também por lá, em um campinho de futebol, fumou pela primeira vez um baseado, quando tinha 12 anos.

> E quem te apresentou o baseado? No morro tinha um campo de futebol, que era num terreno baldio. E a gente tava jogando bola depois da escola. A galera mais velha, mais velha de 16, 17 anos, chegava do trabalho. Eles fumavam lá no fundo do campo. E depois mandava a gente ralar. Falar, acabou, acabou. Rala, rala, rala. Eles iam jogar bola. E um dia eu tava lá no fundo do campo com esses caras. Eu era aquele cara que falava, porra, vocês tão fumando? O que vocês tão fumando? O que vocês tão fazendo? O que é aquilo lá? Os caras devem falar, mas deixa o menor fumar. Era chato pra caramba e irritava todo mundo. Eu não lembro muito bem. Mas alguém deve ter passado baseado pra mim! ((Marcelo D2, 2023, 14'30 - 15'11).

A construção da narrativa neste trecho é muito impactante até porque a maconha é um dos principais fios condutores da carreira de Marcelo. É um dos traços que evoca o encantamento pelo artista, baseado na potência do levante contra as imposições sociais. A edição opta pelo silêncio expressivo como fundo musical durante a fala e no momento que ele começa a relatar o ato de fumar é introduzida a música *Legalize Já*, o primeiro sucesso do *Planet Hemp*. Na terceira vez que entra, quando D2, fala: "alguém deve ter passado o baseado para mim"

(Marcelo D2, 2023, 15:11 - 15’26) o áudio do entrevistado é cortado e a música *Legalize Já* toca por cerca de 10 segundos, terminando com um fade out. Esse recurso sonoro funciona como um gancho narrativo que reforça o levante contra imposições sociais (Didi-Huberman, 2019). Em sequência, a entrevista volta com Fernanda fazendo uma nova pergunta, ainda sobre esta fase de delinquência.

No período adolescente também surge no podcast a temática da morte, que dá um tom mais triste com certa carga melancólica ao programa. Barbosa (2014) cita Guy Gauthier que defende que a nostalgia seria uma variação da melancolia ligada à questão da morte e do luto. Também recorremos a Barbosa (2014) que descreve uma melancolia atroz, pessimista e sombria ao se voltar para algum ponto do passado. Destacamos, sobre a morte: as perdas dos amigos do Andaraí, em especial Carlos Peixe; a morte do amigo artista Skunk; e o falecimento da mãe de D2, cujo relato do velório está na parte final do programa.

> Dessa galera, Fernanda, isso é muito louco, assim, porque dessa galera ninguém sobreviveu, só eu. Todos eles, assassinados. Por isso que minha mãe falou, cara, tu não aguenta mais você aqui, tu vai acabar morrendo igual esses meninos. Eu não tenho nenhum amigo de infância, nem de adolescência, assim. Todos foram... Foi morrendo, morrendo, morrendo. O Carlos Peixe, meu melhor amigo, ele foi preso. E aí, quando saiu da cadeia, mataram ele. Com 19 anos, assim. Muito jovem, muito jovem. Não, não, tinha 17. (Marcelo D2, 2023, 15’54 - 16’27).

Aqui nota-se este encontro da nostalgia com a melancolia presente nessa passagem do D2 por meio do tom de fala em que é narrada essa passagem da vida dele. O relato é forte e os c) cortes de edição mantém o foco nas palavras. Ao abordar sobre o assassinato do amigo Carlos Preixe, opera-se o silêncio expressivo e ausência de trilha de fundo desacelera e reforça a carga melancólica do luto.

Terceira parte - Começo de uma história com a arte, planet hemp e a perda do amigo skunk

Neste trecho, a) trilha de fundo, e música subjetiva se apresenta novamente com uma articulação entre narrativa e sonoridade com contrastes de emoção

com a mudança para o Catete para morar com o Pai, devido aos problemas enfrentados nos espaços do Andaraí, gera uma transformação na perspectiva da vida de Marcelo D2, conforme a narrativa desenvolvida por ele ao longo do programa. Nesta fase, o nostálgico D2 é imerso na efervescência cultural do Rio de Janeiro da década de 80. Começa a frequentar shows, cinemas e museus. Morando com o pai, passa a trabalhar em diversas funções: faxineiro, porteiro e camelô. Conhece o amigo Skunk, o rock, o rap e juntos lançam o Planet Hemp. Porém, Skunk contraiu HIV e morreu poucos meses depois. Neste momento do podcast, identificamos a nostalgia aproximada da melancolia, do levante, do encantamento e da ancestralidade. A passagem que reúne tais sentimentos é referente ao início da carreira com o Planet Hemp e o relato melancólico e nostálgico da morte do amigo. "E aí um dia eu fui almoçar em casa com a camisa de Dead Kennedys e... Encontrei o Skank, que foi um anjo na minha vida [...]" (Marcelo D2, 2023, 25'18 - 25'30). No desenvolver da relação, D2 mostra ao amigo um caderno com coisas que ele escrevia. Após a leitura recebe o parecer.

> Cara, a gente tem que fazer uma banda. Tu escreve muito. Vamos mudar o mundo. Vamos falar de maconha, porque as pessoas vão perceber que a gente tá aqui, tá ligado? Mas a gente fala de maconha, não fuma maconha legal, tá? A gente fala que a ilegalidade da maconha tá matando gente, essa violência. (Marcelo D2, 2023, 27'05 - 27'20).

No recorte destacado acima, a mistura de elementos nostálgicos do passado na parceria com o amigo e anjo; de levante e revolta, quando Skunk sugere abordar a maconha como temática das letras; assim como a ancestralidade evocada por toda a cultura das drogas que mata gente em um Brasil delineado por figuras escravagistas, militares e a elite. Antes de relatar a perda do amigo, D2 conta sobre a empolgação da dupla no início da banda. Ele afirma que parecia que estava acontecendo a maior coisa da vida dele, e que realmente isto aconteceu. A música usada neste trecho de c) cortes de edição e inserção musical é *Mantenha o Respeito*, um dos primeiros sucessos do Planet Hemp, juntamente com *Legalize Já*, confere um ritmo enérgico a parceria do artista com o amigo com grande contribuição no quesito a) trilha de fundo, e música

subjetiva.

A narrativa então vai se desenvolvendo para o tom melancólico. Marcelo D2 relata a descoberta do vírus HIV pelo amigo, a mudança de comportamento e a partida precoce. Marcelo diz que o dia da morte do Skunk foi um dos piores dias da vida dele. A melancolia tem grande relação com a morte e o luto e está evidente na vida do artista entrevistado.

> Tô ficando emocionado falando isso, cara. Todo aquele sonho que eu tinha, que eu nem sabia que eu tinha, sabe, aquela vontade de fazer arte, de participar do mundo dessa maneira, sabe. Assim, a gente se conheceu no começo de 92 e no meio de 94 ele morreu. Ao mesmo tempo, minha mãe, a madrasta dele, a mãe dele, falaram quase que a mesma coisa, sabe? Pô, ele deixou o sonho dele no teu colo. Vai lá, vai lá, continua. Eu nunca tinha pensado em fazer música, sabe qual é? O cara chegou e em dois anos mudou a minha vida E você ainda pensa nele de vez em quando? Todo dia, Fernanda. Todo dia. (Marcelo D2, 2023, 34'14 - 34'56).

O b) silêncio expressivo na fala "tô ficando emocionado falando isso cara" amplifica o sentido de finitude e ancestralidade, o que transmite para o ouvinte toda a carga dramática do momento. O programa segue com Marcelo contando sobre os desdobramentos da carreira após o lançamento do Planet Hemp, a introdução ancestral e o reencontro com o samba, as novas influências musicais, até que chega a parte final.

Parte final - Morte da mãe e vida em família

Na parte final do episódio, o operador de análise predominante é o a) trilha de fundo, e música subjetiva. No encerramento do programa, a perda da mãe, mais uma morte marcante. A temática tem tons nostálgicos e melancólicos. E um novo Marcelo aparece: o guardião da família. Ao ser questionado sobre as mortes do pai e da mãe, D2 conta que ficou mais "puto" com a morte do pai, era novo, tinha 26 anos; já a morte da mãe, foi "quase uma passagem de bastão". E quando fala da família e da posição de guardião, se mostra feliz e glorificado. A partir daí, é desenvolvida uma narrativa sobre o futuro, e mais uma vez Fernanda e Marcelo voltam a falar da morte. Destacamos um trecho em que a entrevistadora questiona D2 sobre a música que o artista gostaria que fosse tocada em seu

velório. Ele responde que seria a mesma canção que o emocionou na partida de sua mãe, *Cordeiro de Nanã*, de Os Ticoãs.

> É uma música que me traz muita paz, eu acho que ela traria paz pra quem tá ali, sabe? Eu acho que ela representa muito bem esse momento de passagem. A morte sempre foi muito próxima, assim, né? Mas eu nunca senti ela, que ela podia ser uma realidade, sabe qual é? Apesar de tanta merda que eu fiz na vida, eu nunca achei que eu podia morrer. E você vai ficando mais velho e você vai pensando, pô, cara, vai chegar a minha hora já já, né, cara? Eu tô com 54, pelo menos, da metade da minha vida já passei, né? (Marcelo D2, 2023, 52'50 - 56'11).

Haile (2005) diz que por meio da música é possível associar informações de imagens recriando-as e refletindo sobre o conteúdo. Dessa forma, nessa última passagem do podcast, o músico escolhe uma canção que permita uma experiência sensorial, com significados bons para ele, e com uma evocação ancestral pela mãe querida.

O podcast percorre as memórias de Marcelo D2 com um storytelling fluído sem muitos recursos de edição, sem inclusão de paisagens sonoras e sem uso de arquivos de participações do artista em programas de tv, festivais de músicas e afins, mas traz uma edição potente que emociona e evoca sentimentos, emoções e afetos em quem está ouvindo, mas também no entrevistado e na entrevistadora. As músicas da *playlist* de D2 aparecem mescladas aos momentos marcantes de sua vida proporcionando uma narrativa que mistura estes dois elementos.

Marcelo D2 é um artista que provoca encantamento ao público. Simas e Rufino (2020) destacam que encantamento está relacionado ao canto que enfeitiça, inebria e cria outros sentidos para o mundo. Os autores falam sobre o Brasil, um país criado sob a ótica de bandeirantes, generais, torturadores, coroneis, misóginos, fanáticos religiosos, homofóbicos entre outras classes degradantes e, por estas características, afirmam que o Brasil precisa dar errado urgentemente. Neste sentido, entra o Marcelo D2 ativista que levantou a bandeira da legalização da maconha, da defesa da democracia, do antifascismo, que evoca as culturas ancestrais do samba, das pessoas negras e periféricas, que defende interesses coletivos de pessoas marginalizadas por estes criadores do Brasil carregados de

pensamentos abjetos.

Durante a conversa com Fernanda Torres, é perceptível o clima nostálgico do entrevistado desde a abertura. Marcelo D2 é um músico com forte relação, principalmente, com o rap, o rock e o samba. Em 2024, a banda *Planet Hemp*, que lançou a carreira do artista e o alçou à fama, celebrou 30 anos de existência, segundo matéria do portal Splash UOL (Brigatti, 2024). No podcast, o artista remonta o começo desta carreira, iniciada com o amigo Skunk, parceiro e idealizador do projeto, que morreu antes de a banda atingir o sucesso, mas vai além.

Na entrevista, Marcelo fala sobre a vida em família do garoto suburbano do Rio de Janeiro, relata os percalços, os sonhos, narra como sua trajetória de vida foi sendo construída, com passagens marcantes. Ao longo de sua carreira D2 traz à tona elementos da sua ancestralidade, que ele destaca durante o programa. Em seu disco Iboru (Fantástico, 2023), o artista faz um resgate ao samba, às raízes da cultura popular brasileira e às religiões africanas.

No episódio analisado (Marcelo D2, 2023), também é possível identificar passagens melancólicas, de sofrimento com perdas e desilusões, como nas passagens em que Marcelo D2 relata mortes dos amigos Peixe e Skunk, do pai (quando o artista tinha 26 anos) e da mãe (mais recente). A melancolia pode ser caracterizada como momentos sem possibilidades de solução ou cura para o presente (Barbosa, 2014). Os pais e os amigos não estão mais vivos, não podem mais compartilhar as conquistas, mas D2 lembra deles constantemente e a emoção ao citá-los é perceptível em sua voz por vezes embargada nos trechos.

Outra questão marcante na carreira do músico carioca é o enfrentamento e a luta constante contra esses setores dominantes no Brasil. O trabalho dele tem características de levante, de potência, de energia social. Na potência das ondas de sua música, D2 provoca a explosão, a catástrofe, o desafio ao sistema vigente, o desejo de ultrapassar ou saltar uma barreira, que inclusive já o levou à cadeia em 1997, juntamente com os demais integrantes do Planet Hemp.

Considerações

O trabalho conclui que a trilha de fundo e música subjetiva, o silêncio expressivo e cortes de edição sonora não atuam apenas como elemento estético. Esses recursos potencializam a densidade dramática da narrativa do podcast proporcionando uma imersão afetiva do ouvinte, capaz de evocar sentimentos complexos como a nostalgia, a melancolia e a ancestralidade, diante daquilo que é apresentado na narrativa conduzida pela atriz e apresentadora Fernanda Torres.

A experiência sonora e de sentimentos atingida por meio da escuta e da análise do podcast A Playlist da Minha Vida no episódio com o artista Marcelo D2 também revela que esta mídia é uma importante ferramenta para transmitir histórias e memórias pessoais. O programa analisado elevou a potência do conteúdo com o denso material apresentado pelo convidado.

Identificamos Marcelo D2 como um artista nostálgico, por vezes até melancólico, que carrega uma carga ancestral, e tem sua vida marcada com atitudes de revolta e levante contra um Brasil repressor e regido por classes dominantes. O convidado sabe transmitir emoções por meio de palavras e pelo resgate de sua memória, desenrolada em uma temporalidade ancestral e contemporânea. Palavras e recursos utilizados na construção da narrativa ao longo do programa potencializam a densidade do conteúdo, como exemplo podemos citar a entrevista da jornalista, roteirista e diretora Laura Capanema (Castnews, 2023b) em que ela diz que a história de Marcelo revela um Brasil e que toda a equipe de profissionais se emocionou no decorrer da realização do podcast. Na introdução, a apresentadora Fernanda Torres também revela que o programa vai trazer um conteúdo rico e denso, com ótimas histórias e uma narrativa envolvente, quando ela diz que a vida de D2 daria um filme. A junção da história contada por meio da entrevista, permeada com músicas e mais a edição sonora, proporciona um conteúdo com uma narrativa que potencializa os sentimentos de nostalgia, levante, encantamento, evocando a memória e emocionando participantes e ouvintes do programa analisado.

Bibliografia

ALONSO, Gustavo. **'A Playlist da Minha Vida' une frivolidade digital à permanência da memória**. Folha de S.Paulo, São Paulo, fev. 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gustavo-alonso/2023/02/a-playlist-da-minha-vida-une-frivolidade-digital-a-permanencia-da-memoria.shtml. Acesso em: ago. 2026.

A PLAYLIST da minha vida. Apresentação: Fernanda Torres. Produção: Deezer. Deezer, 2023. Podcast. Disponível em: https://link.deezer.com/s/34fxGiQLcJ7htMf47qYmH. Acesso em: ago. 2026.

A PLAYLIST da minha vida: Deezer lança podcast com Fernanda Torres. **Castnews**, 8 fev. 2023. Disponível em: https://www.castnews.com.br/a-playlist-da-minha-vida/. Acesso em: ago. 2026.

BARBOSA, André Antônio. **A potência estética da nostalgia**. *Revista Serrote*. São Paulo; Rio de Janeiro: IMS, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70, 1977.

BELTRÁN MONER, Rafael. **Ambientación Musical**. Madrid: IORTV, 1991.

BONTEMPO, Renato. **Fernanda Torres fala sobre o seu papel de host no podcast A playlist da minha vida**. Castnews, 11 de jan. de 2024. 2024. Disponível em: https://www.castnews.com.br/fernanda-torres-fala-sobre-o-seu-papel-de-host-no-podcast-a-playlist-da-minha-vida/. Acesso em: ago. 2024.

BRIGATTI, Gustavo. **Planet Hemp 30 anos: 'Legalize Já' não vai mais fazer sentido, espera D2**. Splash UOL, São Paulo, 7 jul. 2024. Disponível em: https://www.uol.com.br/splash/noticias/2024/07/07/se-tudo-der-certo-legalize-ja-ja-nao-vai-mais-fazer-sentido-afirma-d2.htm. Acesso em: jul. 2024.

CHAGAS, Luãn José Vaz; VIANA, Luana. **Categorização de Podcasts no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais a partir de um panorama histórico**. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 13., 2021. *Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Sonora...* 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Ondas, torrentes e barricadas**. *Revista Serrote*, n. 33. São Paulo; Rio de Janeiro: IMS, 2019.

FANTÁSTICO. **Marcelo D2 fala sobre novo álbum e relação antiga com o samba: 'A procura vale mais que a batida perfeita'**. G1, 18 jun. 2023. Disponível em: https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/06/18/marcelo-d2-fala-sobre-novo-album-e-relacao-antiga-com-o-samba-a-procura-vale-mais-que-a-batida-perfeita.ghtml. Acesso em: ago. 2024.

HAYE, Ricardo. **Sobre o discurso radiofônico**. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). *Teorias do Rádio*. Vol. I. Florianópolis: Insular, 2005.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**. São Paulo: Boitempo, 2009. p. 109-190.

MARCELO D2. Entrevistado: Marcelo D2. Entrevistadora: Fernanda Torres. *In*: **A Playlist da minha vida.** Produção: Deezer. Deezer, 8 fev. 2023. Podcast, 55 min. Disponível em: https://link.deezer.com/s/34fBu3yFtl5umA9cOxqu0. Acesso em: ago. 2024.

MEDEIROS, R.; MENDONÇA, F.; PRATA, N. **Vozes ainda subalternas: podcasting e lutas por reconhecimento na arena midiática**. Esferas, [S. l.], v. 1, n. 23, p. 84–99, 2022. DOI: 10.31501/esf.v1i23.13632. Disponível em: https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/13632. Acesso em: ago. 2026.

MIRANDA, João; SANTOS, Sílvio. **O podcast como remediação da rádio e da televisão nos pequenos mercados: O caso português**. Comunicação Pública, [S. l.], v. 16, n. 31, 2021. DOI: 10.34629/cpublica.62. Disponível em: https://journals.ipl.pt/cpublica/article/view/62. Acesso em: jan. 2025.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; MODESTO, Cláudia Figueiredo. **Interações e mediações, instâncias de apreensão da comunicação radiofônica.** Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação, v. 2, 2014, pp. 12-20.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, v. 1, 152 p., 2016.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

VIANA, Luana; VAZ CHAGAS, Luan José. **Categorização de podcasts no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais**. Observatório (OBS*), [S. l.], v. 18, n. 1, 2024. DOI: 10.15847/obsOBS18120242369. Disponível em: https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/2369. Acesso em: set. 2025.